



MARIADITA

SENEPOL

JAGUARIÚNA



O contrato barter

Em operação desde os anos 90, o contrato Barter é bastante útil ao agronegócio, beneficiando produtores e vendedores. Ele chega a representar mais de 20% do faturamento de empresas de grande porte. O fato de o agricultor não precisar desembolsar dinheiro para adquirir insumos pode ser apontado como um dos maiores benefícios.

O QUE É O CONTRATO BARTER E PARA QUE SERVE?

O contrato Barter é uma forma facilitada de negociação. O termo "barter" significa permuta, troca. Assim, é uma prática na qual o agricultor pode trocar uma parcela da sua produção por insumos. A negociação é realizada ainda antes da colheita, o que impede a variação de preço.

Ele é uma alternativa para garantir a safra. Por exemplo, se o produtor tem milho, pode negociá-lo e trocar por insumos para o fomento da lavoura, como sementes ou herbicidas.

QUANDO PODE SER UTILIZADO E COMO É SUA ESTRUTURA?

Quando o agricultor precisar de insumos, mas não puder comprar com dinheiro. Ele assina um contrato (documento chamado Cédula de Produto Rural - CPR) e se compromete a entregar parte da colheita.

São três pessoas na negociação: produtor, fornecedor de insumo e o trading ou consumidor de grão. O fornecedor trabalha em parceria com o trading, o qual é o interessado final na permuta.

QUAIS OS PRÓS E CONTRAS?

Existem diversas vantagens nessa negociação:

- segurança: protege o produtor contra oscilação de preço de commodities e produtos. A negociação sai travada;

- liquidez: o negócio envolve desde a compra dos insumos até a entrega dos grãos. O agricultor não precisa se preocupar com o refinanciamento de capital de giro;

- câmbio: o agricultor recebe o lucro pré-determinado e o contrato é feito na mesma moeda do recebimento da produção. Não é preciso se preocupar com a oscilação do câmbio;

- diminuição de riscos: devido ao CPR, que legaliza e formaliza o processo, nenhuma das partes fica prejudicada.

Com relação à desvantagem, a operação pode envolver taxa de juros alta, assim o agricultor precisa avaliar se a troca é positiva em cada caso concreto. De qualquer forma, o contrato Barter costuma ser uma alternativa vantajosa para o financiamento da safra, além de ajudar o agricultor a administrar a lavoura, sem elevados custos.

Dr. Caius Godoy (Dr. Da Roça), Advogado e Presidente da Comissão de Agronegócios e Assuntos Agrários da OAB Jaguariúna.

e-mail: caius.godoy@adv.oabsp.org.br

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação.

E como sempre finalizo, tchaaau obrigado!!



Nova metodologia mede emissão de metano em reprodutores bovinos



Metodologia desenvolvida pela Embrapa Pecuária Sul (RS) é capaz de mensurar a emissão de gás metano (CH₄) em reprodutores bovinos de raças europeias. Denominada de Prova de Emissão de Gases (PEG), consiste na coleta do metano emitido por jovens reprodutores de uma mesma raça, mantidos sob condições idênticas de manejo e alimentação durante cinco dias.

Depois, o gás é avaliado em laboratório e os animais são classificados de acordo com a emissão a partir de coeficientes previamente estabelecidos. O objetivo da PEG, que será lançada durante a Expointer 2022, é identificar animais que apresentem menor emissão de metano por quilo de alimento consumido e por quilo de peso vivo produzido.

A identificação dos jovens reprodutores com menores índices de emissão de metano pode ser empregada no melhoramento das raças, utilizando a genética na formação de progênes com essa característica. De acordo com a pesquisadora Cristina Genro, da Embrapa, identificar animais mais eficientes na relação entre consumo de alimentos, ganho de peso e menor emissão do gás é mais uma ferramenta em prol da sustentabilidade da pecuária brasileira e da redução de impacto nas mudanças climáticas.

A relevância da prova, segundo a pesquisadora, também está relacionada ao fato de o Brasil ter aderido ao Pacto Mundial do Metano na COP26, realizada na Escócia em 2021, no qual se comprometeu a reduzir a emissão desse gás, considerado fundamental na estratégia de mitigação do aquecimento global. Segundo dados do Observatório do Clima, 70,5% das emissões nacionais de metano são originadas da agropecuária, sendo 90% oriundas da fermentação entérica dos bovinos.

“Nesse sentido, a identificação de animais mais eficientes no uso dos alimentos e que, portanto, emitam menos metano por quilo de alimento consumido, passou a ser algo de grande importância para a cadeia da carne bovina brasileira”, ressalta Fernando Cardoso, chefe-geral da Embrapa Pecuária Sul.

Em 2022, foram realizadas PEGs com animais que participaram de outras provas de desempenho no centro de pesquisa. O objetivo foi validar a metodologia utilizada para a mensuração, bem como para a adaptação e ajustes no equipamento usado na coleta do gás. Segundo Genro, umas das mudanças feitas nesse período foi a inserção de dois sistemas de coleta e armazena-

gem do gás. “Com isso teremos mais segurança na coleta dos dados, pois caso um dos coletores ou tubos não funcione, teremos o outro para enviar para a análise”, explica.

As provas foram realizadas com reprodutores das raças Angus, Braford, Charolês e Hereford. “Nos resultados preliminares, verificou-se uma média de emissão nesses reprodutores de 48 kg/animal/ano de metano, bem menor do que é preconizado pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) para animais da mesma categoria, que é de 56 kg/animal/ano”, complementa a pesquisadora.

Como funciona a metodologia

A metodologia para aferir a emissão de metano pelos animais utiliza a técnica do gás traçador hexafluoreto de enxofre (SF₆). Para tanto, uma cápsula com a substância é administrada via oral ao reprodutor no início da prova. O SF₆ liberado pela cápsula mistura-se aos gases da fermentação ruminal, atuando como um traçador do gás metano produzido e arrotado pelo animal. O ar expirado pelo bovino é captado por um tubo capilar de aço inoxidável posicionado na região logo acima das narinas.

O tubo capilar é conectado por uma mangueira a um recipiente cilíndrico de alumínio, localizado no dorso do bovino, preenchido pelos gases captados durante os cinco dias de coleta. Depois, o recipiente é pressurizado com nitrogênio e as concentrações do metano e do SF₆ são determinadas a partir de técnicas de cromatografia gasosa em laboratórios especializados. Além dos recipientes colocados nos animais, são distribuídos na área mais quatro cilindros providos de válvulas reguladoras de ingresso em cada período experimental, a fim de captar amostras do ambiente.

A PEG é realizada logo após o término da Prova de Eficiência Alimentar (PEA), que gera os dados de consumo e desempenho individuais utilizados para os cálculos de emissão de gás metano por consumo de alimento e ganho de peso. Nas duas provas, a alimentação e o manejo são os mesmos, em um ambiente controlado e com oportunidades iguais para cada animal expressar seu potencial genético. A dieta fornecida aos animais é composta por 75% de volumoso (silagem e feno) e 25% de concentrado.

O coeficiente técnico para a classificação dos reprodutores é calculado com base na relação entre a emissão de metano por consumo de matéria

seca e a emissão de metano por ganho médio diário. A partir dessas relações, os reprodutores serão estratificados em elite, superior e comercial.

Emissão de metano é decorrente do processo de digestão dos bovinos

A produção de metano em bovinos ocorre durante o processo natural de digestão dos alimentos pelos animais. Depois de ingeridos, os alimentos vão para o rúmen, órgão do aparelho digestivo, onde micro-organismos ajudam na digestão por meio da fermentação, produzindo também o gás metano, que é emitido para a atmosfera a partir da eructação (arroto) dos animais.

Segundo Genro, é possível mitigar a emissão de metano na pecuária brasileira, especialmente pelo manejo nas propriedades. “Pesquisas mostram que, com o manejo correto das pastagens e dos animais, é possível alcançar um balanço positivo do carbono. Ou seja, a atividade consegue capturar mais carbono e estocar no solo em maior quantidade do que emite na natureza”, explica.

De acordo com a pesquisadora, medidas simples como o controle da altura das pastagens contribuem de forma muito positiva para alcançar esse objetivo. Para a grande maioria de espécies de forrageiras utilizadas na Região Sul, a Embrapa tem estudos que indicam a altura ideal para a entrada e saída de animais nas pastagens, de forma a aumentar o estoque de carbono no solo e mitigar a emissão dos GEE. “Pastagens bem manejadas podem ser um grande sumidouro de carbono”, ressalta.

A adoção de outras tecnologias também pode contribuir para uma produção mais sustentável na pecuária em relação às mudanças climáticas. Entre elas, a pesquisadora destaca a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), um sistema que proporciona maior sustentabilidade, por utilizar em um mesmo espaço culturas agrícolas, animais e componentes arbóreos.

Genro salienta também a tecnologia desenvolvida pela Embrapa Pecuária Sul, denominada Pasto sobre Pasto, que tem como base não deixar o chamado vazio forrageiro nos períodos entre as estações do ano, utilizando diferentes espécies de forrageiras com ciclos e características complementares de produção. “Além da questão ambiental, essa tecnologia propicia maior ganho de peso animal. Com isso é possível abater o animal em menos tempo, contribuindo para a redução na emissão de gases de efeito estufa”, considera a pesquisadora

Márcia Silveira.

Genro pontua, ainda, que o uso de leguminosas nas pastagens pode contribuir no processo de mitigação, uma vez que essas plantas fixam nitrogênio no solo, possibilitando a diminuição do uso de fertilizantes químicos, um dos emissores de GEE. Nesse sentido, ela enfatiza a importância do programa de melhoramento de forrageiras da Embrapa, que já disponibilizou para os produtores diferentes cultivares, principalmente de leguminosas, mas também de gramíneas, que propiciam um planejamento forrageiro e maior eficiência nos sistemas de produção.

Outra ação apontada pela pesquisadora é o uso de suplementos alimentares, com produtos presentes na região, como os restos dos processos de produção da vitivinicultura e da olivicultura. “Na Embrapa, estamos iniciando estudos para recomendar formulações utilizando esses produtos, garantindo uma nutrição de qualidade para os animais e com custos mais reduzidos”, acrescenta.

Provas de desempenho contribuem para melhoramento genético

Uma das ferramentas utilizadas para o melhoramento genético de bovinos são as provas de avaliação de desempenho. Com a PEG, a Embrapa Pecuária Sul passa a realizar três tipos de provas de desempenho, sempre em parceria com associações de raças de bovinos.

Essas provas foram introduzidas no Brasil, na década de 1950, no interior de São Paulo. A Embrapa Pecuária Sul realiza provas de avaliação de desempenho há mais de 30 anos, testando reprodutores jovens de diferentes raças taurinas nos campos experimentais do centro de pesquisa em Bagé (RS).

Nessas provas, animais de idades similares e de criatórios diferentes são testados em um mesmo ambiente, com iguais condições de manejo e alimentação, para se avaliar características genéticas de interesse para os produtores. O objetivo é identificar animais com atributos superiores, proporcionando melhoramento das raças de uma forma mais rápida. “A comercialização do sêmen desses animais aumenta a capilaridade da difusão de bovinos de genética superior e, com isso, o desenvolvimento de linhagens melhoradas. Além disso, os produtores utilizam esses reprodutores para melhorar os seus rebanhos”, relata Roberto Collares, analista da Embrapa e coordenador das provas.

Além da PEG, a Embrapa realiza outros dois tipos de testes: Prova de Avaliação a Campo (PAC) e Prova de Eficiência Alimentar (PEA). Nas PACs, reprodutores jovens de diferentes criatórios são submetidos a condições iguais de manejo. Segundo o pesquisador Marcos Yokoo, o objetivo é obter dados homogêneos desses animais, eliminando fatores ambientais, ou seja, sem a interferência do homem.

“Essa é a importância das provas de desempenho; conseguimos controlar o ambiente e garantir que todos os animais tenham realmente o mesmo tratamento. Já nas propriedades, como há diferenças no tratamento, fica mais difícil essa comparação”, pontua.

Nas PACs são avaliadas diferentes características dos animais, como ganho de peso, camada de gordura subcutânea, gordura intramuscular, perímetro escrotal, conformação, padrão racial e sexualidade. Algumas dessas medidas são obtidas por ultrassom, especialmente as características que não são possíveis de serem verificadas por meio visual.

Já na PEA são avaliadas duas medidas básicas, o ganho de peso residual e o consumo alimentar residual (CAR). Com a aferição desses índices, é possível identificar aqueles animais mais eficientes na utilização do alimento e selecioná-los para a transmissão dessas características a suas progênes. “O que é interessante para a pecuária de corte é identificar os animais que consomem menor quantidade de alimentos e ganham maior quantidade de peso”, conclui Yokoo.

Ajustes em dietas podem garantir a ovinos melhor resiliência ante a verminose



Uma estratégia nutricional capaz de incrementar resiliência animal para as infecções parasitárias pode resultar em uso mais otimizado de vermífugos

Uma pesquisa conduzida pela Embrapa demonstra que, com ajustes nas proporções de alimentos na dieta, ovinos infectados com verminose podem ter indicadores de desempenho, como ganho de peso e características de carcaça, semelhantes aos de animais saudáveis. Com os diferentes manejos nutricionais, equilibrando alimentos que são fontes dos dois grupos de nutrientes dietéticos principais, proteína e energia, os cordeiros do experimento manifestaram até mesmo menor presença de parasitos. O resultado demonstra maior capacidade de resistir à infecção parasitária, por meio de compensações metabólicas e, assim, manter índices produtivos, ou seja, a dieta adequada promove resiliência à verminose.

De acordo com o pesquisador Marcos Cláudio Rogério, da área de Nutrição Animal da Embrapa Caprinos e Ovinos, o experimento aponta uma novidade: o que incrementou a resiliência dos animais não foi simplesmente um maior aporte de alimentos fontes de proteínas, mas encontrar, na dieta, um nível ideal de aporte das chamadas proteínas metabolizáveis (aquelas de fato absorvíveis pelo organismo dos animais). Esse ajuste implica equilibrar não somente os alimentos proteicos, como também os energéticos, pois estes fornecem energia para a síntese de proteínas microbianas que acontece no aparelho digestivo dos animais.

"Acreditava-se que o incremento da resiliência às infecções parasitárias por conta da adequada nutrição animal estava simplesmente no aporte crescente de proteínas nas dietas para pequenos ruminantes. Isso funciona bem até certo ponto. Porque se formos adicionar concentrados proteicos indefinidamente, o excesso será eliminado nas fezes e

não aproveitado. Além disso, simplesmente incrementar os níveis de proteína bruta não dá garantia de absorção dessas proteínas e de seus aminoácidos, que podem ser indigestíveis", observa Rogério, que liderou a equipe responsável pela pesquisa.

A pesquisa No experimento, 40 cordeiros machos foram utilizados e divididos em grupos onde parte foi artificialmente infectada pelo *Haemonchus contortus*, parasita gastrointestinal que é um dos principais causadores de verminoses em caprinos e ovinos. Divididos em grupos, receberam dietas com diferentes proporções de alimentos volumosos (fontes de energia) e concentrados (fontes de proteína).

A partir da inclusão de 35% de concentrado (65% de proporção volumosa na dieta), houve redução de mais de 65% na contagem do número de ovos por grama de fezes (OPG) em animais infectados e redução em mais de 63% da quantidade de *Haemonchus contortus* presentes no abomaso, estrutura do estômago de ruminantes. O OPG é um indicador que apresenta o grau da infecção por parasitos.

Conforme as dietas avaliadas, também foram verificados em ovinos infectados que consumiram de 58% a até 69% de concentrado, valores de conversão alimentar similares àqueles verificados para animais não infectados, recebendo as mesmas proporções de concentrado. No caso de cordeiros infectados que receberam a dieta com uma formulação proporcional de 69% de concentrado e 31% de volumoso, por exemplo, houve ganho de peso médio diário de 261 gramas (g), um rendimento muito semelhante ao dos animais não infectados que, com essa mesma dieta, apresentaram ganho de peso médio de 265 g/dia. Já o escore corporal final para os animais em dieta com essa composição foi o mesmo para os infectados e também para os não infectados: índice 3 (veja tabela).

das categorias de animais – como crias, animais em confinamento, fêmeas em lactação – conforme suas necessidades nutricionais. Esse incremento da resiliência às infecções pode colaborar também para a sustentabilidade de sistemas de produção, reduzindo a dependência de vermífugos para minimizar as perdas produtivas da verminose.

Na avaliação da zootecnista Rafaela Miranda, que pesquisou sobre o assunto para a sua tese de doutorado em Ciência Animal Tropical na Universidade Federal de Tocantins (UFT), as pesquisas que investigam a relação entre componentes nutricionais e redução da verminose têm potencial para criações economicamente mais viáveis. "Esses estudos podem contribuir para o aumento da produtividade do rebanho, redução da mortalidade, redução da idade ao abate, produzindo, dessa forma, animais jovens e com melhores características de carcaças", afirma.

Para a zootecnista, que atua como consultora na empresa Granforte Nutrição Animal, um avanço científico nessa área poderá favorecer o surgimento de novos produtos para a dieta de ovinos e também as alternativas de manejo nutricional dos criadores. "Os produtos podem resultar em maior produtividade animal e direcionar o criador na escolha das dietas e planos nutricionais adequados de acordo com a sua realidade, viabilizando, assim, a produção de carne ovina no Brasil", ressalta.

Resiliência e sustentabilidade na produção

A partir dos resultados do estudo, é possível pensar em alternativas que, ao promover melhor resiliência à verminose, garantam também maior sustentabilidade econômica e ambiental aos sistemas de produção de ovinos. A verminose é considerada uma das enfermidades com maior impacto para perdas econômicas e produtivas, ocasionando mortalidade de animais e prejuízos à qualidade dos produtos da ovinocultura, com dificuldades para consolidar a atividade diante das exigências dos mercados. Além disso, o uso indiscriminado de vermífugos produz resíduos de químicos nos produtos e no ambiente, assim como pode gerar problemas de resistência dos parasitas aos medicamentos.

Essas estratégias nutricionais podem ser interessantes tanto para a criação em confinamento, permitindo melhor planejamento na compra de alimentos e venda de animais, como na criação a pasto, em que fatores como umidade, alta concentração de animais e indisponibilidade de nutrientes podem prejudicar uma resposta imunológica dos animais contra a verminose.

"Cada vez mais tem se pensado em sistemas de produção animal sustentáveis ambientalmente e, até mesmo, orgânicos. Utilizar-se de dietas que incrementem a resiliência dos animais às infecções parasitárias reduz a dependência aos anti-helmínticos para o controle parasitário. Assim, não haverá necessidade de

administração de vermífugos ou, pelo menos, haverá uma redução considerável desse uso. Haverá também a redução de custos com mão de obra para manejo sanitário. Outro aspecto é evitar a resistência dos helmintos aos princípios farmacológicos que compõem os anti-helmínticos", detalha o pesquisador da Embrapa Luiz Vieira, que também integrou a equipe da pesquisa.

Já Rogério reforça que o fornecimento de nutrientes em quantidade e qualidade é o caminho a se buscar para fortalecer esta estratégia. "Os animais continuarão apresentando adequados índices produtivos numa convivência mais harmoniosa com os helmintos. O ponto principal da pesquisa não é eliminar os helmintos por completo, mas evitar que a presença deles leve à queda dos índices produtivos", frisa o cientista.

Nutrição como parte do controle integrado

A possibilidade de um manejo nutricional que resulte em maior resiliência contra a verminose em caprinos e ovinos não exclui a importância de uma adequada estratégia de vermifugação e de manejo sanitário para minimizar os impactos da doença. A nutrição animal, na verdade, é um dos pilares da estratégia de controle integrado de verminose, recomendada pela Embrapa para os rebanhos de caprinos e ovinos. O uso de vermífugos, em associação com dietas que ofereçam nutrientes ideais para uma adequada resposta imune ao parasitismo, pode ser uma alternativa sustentável para a manutenção de índices produtivos dos rebanhos.

Além da nutrição animal, a estratégia de controle integrado traz recomendações sobre o manejo de pastagens, cuidado com instalações, fornecimento de alimentos, separação de animais em baias e piquetes. Tudo isso se soma ao uso otimizado dos vermífugos, com cuidados como a correta seleção de animais para vermifugação (de acordo com a categoria produtiva no rebanho) e dos medicamentos, conforme o princípio ativo. Essas recomendações diminuem a possibilidade dos parasitas criarem resistência à ação dos medicamentos aplicados.

O portal Paratec traz as principais recomendações para o controle integrado de verminose em caprinos e ovinos, de acordo com os principais biomas brasileiros.

Entenda melhor

- Ovinos têm como fontes nutricionais alimentos volumosos e concentrados. Os alimentos volumosos têm alto teor de fibra e compreendem as pastagens (nativas ou cultivadas), além das silagens, feno e restos de cultura. Os concentrados têm baixo teor de água e de fibra, podendo ter concentrações altas de energia e/ou de proteína.

- Entre os principais alimentos volumosos utilizados para ovinocultura no Semiárido brasileiro estão gramíneas como o Capim Buffel e Tifton, além de outras plantas como a palma forrageira, leucena, catinqueira, mandacaru, guandu, milheto e sorgo forrageiro. São alimentos que podem constituir reserva alimentar para o período seco, na forma de feno ou silagem.

- Já entre os alimentos concentrados mais utilizados para ovinos no Semiárido brasileiro estão o farelo de soja; grãos de milho, milheto e sorgo; tortas de algodão e de mamona.

- Na pesquisa que investigou a relação entre alimentação e resiliência à verminose em ovinos, a dieta fornecida aos animais foi composta por feno de Tifton, como volumoso, milho e farelo de soja como concentrados, além de óleo vegetal e calcário.

- Segundo o pesquisador Marcos Cláudio Rogério, há várias possibilidades de formulação para dietas, de acordo com os objetivos do sistema de produção, mas a regra geral preza pela inclusão de alimentos de qualidade: em se tratando de alimentos proteicos ou que possam levar a aportes interessantes de proteína, deve-se pensar em alimentos que possuem proteínas de alto valor biológico e de elevada digestibilidade.

Cordeiros com formulação de dieta de 69% de concentrado e 31% de volumoso		
	Infectados	Não-infectados
Ganho de peso médio	261 gramas/dia	265 gramas/dia
Escore de condição corporal	3,00	3,00

"O uso de dietas com 58% de concentrado seguindo as formulações dietéticas desenvolvidas com a pesquisa, por exemplo, já garante o incremento da resiliência às infecções parasitárias. Não precisa se utilizar de dietas com elevada proporção de concentrado para se atingir esse objetivo, nem utilizar excessiva quantidade de concentrados proteicos, que

são caros. O importante é o ajuste dietético visando ao incremento no fornecimento da proteína metabolizável", explica Rogério.

De acordo com ele, os resultados abrem uma nova perspectiva: estabelecer parcerias com o setor produtivo para o desenvolvimento conjunto de rações, aditivos alimentares e suplementos específicos para determina-

DICAS DO MUNDO PET

Boas práticas no uso e oferecimento de brinquedos para cães



Há muitos e muitos anos, os cães ganhavam ossos para distração. Os brinquedos foram introduzidos quando as raças menores ganharam os nossos sofás. Como a indústria pet não era essa efervescência de hoje, o jeito era apelar para os brinquedos de bebê humano.

Assim, os primeiros brinquedos caninos eram de borracha, com apito dentro e pelúcias. Exatamente os mesmos objetos que encontrávamos na sessão infantil. Por muitos anos, esses foram os únicos modelos disponíveis. Depois chegaram os ossos e derivados de couro de boi.

Como todo pioneirismo, a ideia desse tipo de diversão para cães ainda é mantida até hoje. Mesmo com diversos conteúdos mostrando os

perigos de cada item ao ser ingerido. Mas o grande problema não é o material, mas a forma de o cão brincar.

Qualquer brinquedo é potencialmente perigoso ao cão, se ele não souber como utilizá-lo e não estiver sob supervisão. E esse é o grande segredo do sucesso. Sempre que você oferecer um brinquedo novo ao seu cachorro, você deve ficar de olho para ver como ele vai interagir com a novidade.

Na minha mala de atendimento, eu tenho todo tipo de brinquedo. Tudo para ver a preferência do cachorro. Tenho aquelas pelúcias tidas como indestrutíveis, mas já destruídas por um rottweiler. Também tenho alguns de borracha mole, com apito. Tidos como proibidos, devido

ao potencial de engasgos, ainda é o preferido dos pequenos. Mas na maioria, dou preferência por brinquedos desenvolvidos por especialistas e pesquisadores do comportamento canino. Mesmo aquele tido como o melhor e mais indestrutível brinquedo deve ser oferecido sob supervisão, pelo menos na primeira vez.

Meu cachorro destrói todos os brinquedos

Quando eu chego para atender, peço para ver os brinquedos que o cão já tem. Normalmente são poucos e o tutor já se justifica: "eu comprava muitos, mas ele destruiu todos e eu parei de comprar". Eu não sei quem divulgou a ideia de que brinquedos devem durar por toda eternidade. Não!!! Brinquedo foi feito para ser destruído, mesmo. Essa é a função dele.

O que ajuda a diminuir esse potencial destrutivo do cão é oferecer uma pelúcia com um mordedor, por exemplo. Já que a necessidade de roer vai ser focada no mordedor e vai preservar a pelúcia. Mas essa combinação deve ser trocada todos os dias. Se for sempre o mesmo mordedor, o cão poderá enjoar e preferir destruir a pelúcia.

"Meu cachorro não gosta de nenhum brinquedo"

Eu adoro chegar no atendimento e ouvir: "meu cachorro não gosta de brincar. Já tentei de tudo". No segundo seguinte, eu ofereço algo para o cão e ele começa a brincar loucamente. Eu escondo, mas rio internamente por contradizer o tutor.

Na verdade, não é que o cão não

gosta de brincar. Mas ele só foi apresentado a brinquedos e brincadeiras que ele não tem interesse. Isso normalmente ocorre em casas lotadas de pelúcia, bolinhas e brinquedos com apito. A forma como o tutor costuma provocar o cão para brincar é jogando o brinquedo para o cão pegar.

Uma grande parte dos cães odeia brincar de pegar e devolver brinquedos. São tantas outras possibilidades mais interessantes, como cabo de guerra, destruição, esconde-esconde, fuçar, lamber etc.

Para saber qual o brinquedo favorito do seu cachorro, você deve investir em diversas opções e testar. Por isso que eu levo duas malas lotadas de opções nos meus atendimentos. Assim, eu já sei o que indicar ao tutor, sem que ele precise ficar testando tudo.

Se você ainda não sabe o que interessa ao seu cachorro, compre umas quatro ou cinco opções de diferentes tipos de brinquedos. Aqui vão algumas categorias:

- Pelúcia
- Mordedor
- Brinquedo recheável
- Tabuleiro
- Tapete de lamber
- Tapete de fuçar ou interativo
- Cordas
- Bolas

Brincar é um ato de extrema importância ao desenvolvimento físico, social e cognitivo do cão. Brincar é muito mais do que gastar energia, mas executar comportamentos naturais. É nossa responsabilidade oferecer esse tipo de atividade para garantir o bem-estar dos peludos.

Cachorro latindo: como lidar com cães que latem demais?

Latir é um comportamento natural dos cães, mas apenas utilizado em últimos casos. Veja como minimizar os latidos em casa. Os cães se comunicam de diversas formas. Sabe quando ele faz 200 xixis no passeio? Isso é comunicação química. Ele libera cheiros através da urina. E mesmo que a gente ache meio estranho o cachorro cheirar o bumbum alheio, também é uma ótima forma de comunicação. Há muitas informações importantes naquela área.

Outro tipo de comunicação é a física. Eles utilizam todo o corpo para "dizer" algo. Não é só o rabo que demonstra as emoções, mas também as orelhas, pupila, olhar, posição de cabeça, pelo, pata, posição corporal, boca... Basear somente no rabo é o mesmo que conversar com outra pessoa olhando só para os pés dela. Não podemos nos esquecer de observar o conjunto para conseguir entender o que o cão está comunicando.

Mas para que serve o latido?

O latido é uma das últimas formas de comunicação utilizadas pelo cachorro. É como se fosse um grito com neon piscante. Se você não compreendeu todos os outros sinais emitidos pelo cão anteriormente, ele vai latir para se expressar.

Difícilmente estamos de olho em tempo integral no nosso cachorro. Assim, perdemos uma boa parte do que ele está comunicando. Mas, por sermos muito auditivos, basta o cachorro fazer um barulho, que olhamos no mesmo momento. Se ele late, normalmente isso irrita e incomoda, já que nos preocupamos com vizinhos e afins. Então, damos logo o que o cachorro quer, para cessar aquele comportamento. É exatamente nesse momento que o cão começa a suprimir as comunicações "brandas" e passa a usar somente latidos, ros-

nados, uivos e até mordidas. Afinal, é somente dessa forma que ele é atendido ou compreendido.

Como resolver latidos?

Não adianta querer resolver o latido excessivo quando o cão já disparou a latir. Se eu começo a falar gritando, por mais que outra pessoa peça para eu falar baixo, eu já perdi a referência. Posso até diminuir o volume, mas, em seguida, já volto a falar alto. Com o cachorro é mais ou menos a mesma coisa. Se ele está latindo e você pede para ele ficar quieto, ele para por um tempo e depois volta a latir. Afinal, ele precisa comunicar algo.

A solução dos latidos não é ignorá-los, como muitos pensam. Se você estiver querendo muito contar sobre algo, ou solicitar alguma coisa a alguém e essa pessoa te ignorar, você vai parar de falar ou solicitar? Ou vai pedir cada vez mais alto e ficar cada vez mais brava?

Se o cachorro late é porque quer comunicar algo e deve ser ouvido. Mas o ideal mesmo é que ele seja compreendido sem precisar latir. É por aí a solução. Aprender a ler o cachorro, antes dele começar a latir é fundamental. Outra opção é ensinar outras formas de comunicação ao cão, que não dependa de latidos.

Se ele quer passear, ele pega a coleira e leva até você. Se ele quer comida, ele olha para você e olha para o armário. Se ele quer carinho, puxa sua mão com a pata. Se ele quer subir no sofá, ele coloca a patinha pedindo autorização. Tudo isso só funciona, se ele for atendido. Se ele for ignorado, ele vai voltar a latir.

Aqui em casa, eu ensinei diversas comunicações para a minha cachorra. Por ser uma chihuahua, ela chegou com hábito de latir e chorar para tudo. Hoje, quando ela quer subir no sofá, ela apoia as patinhas. Claro que eu não ensinei isso do dia para noite.



Mas o mais importante desse treino de comunicação foi atendê-la todas as vezes que ela pedia.

Ela também foi ensinada a não descer do sofá sozinha. Caso ela queira ir para o chão, basta ela rodar duas vezes em torno do próprio eixo, que, imediatamente, é atendida. Para pedir comida, a Aurora vai até o pote, cheira e olha para mim. Se eu não estiver por perto, ela faz o movimento de vir até mim e ir até o pote. Ela vai e volta até que eu compreenda e atenda sua necessidade. São coisas bobas, simples, mas que reduzem, e muito, os latidos.

Latidos para barulhos e portão

A grande dificuldade está nos cães que latem para barulhos no hall do elevador ou no portão. Isso porque é auto recompensador. Imagina que toda vez que o lixeiro passa no portão, o cachorro se incomode e lata para que ele possa se afastar do seu local

de conforto. Em seguida, o lixeiro vai embora. Não porque o cachorro latiu, mas porque ele tinha que ir mesmo. Nesse momento o cão é recompensado pelo seu latido. É como se ele pensasse "viu?! Deu certo. Eu lati para ele ir embora e ele foi".

Em casos como esse, devemos trabalhar a segurança do cachorro e afastá-lo do local de latido. Ao invés dele ir até a porta ou portão para latir, ensinamos a ele ir para a casinha, caminha ou caixa de transporte. Ao invés dele "enfrentar" o que causa medo, vamos dar a oportunidade dele "fugir" do medo e se esconder.

Em contrapartida, vamos aumentar os exercícios e desafios que tragam autoconfiança a ele. O enriquecimento ambiental é uma ótima pedida! Se você estiver com dificuldade de colocar tudo isso em prática, não hesite em contratar um profissional do comportamento.